

KRAHÔ, O POVO EM QUE ABÓBORAS E BATATAS CRIARAM UM MUNDO: EDUCAÇÃO, CULTURA E ECOFORMAÇÃO EM UMA COMUNIDADE INDÍGENA

KRAHÔ, THE PEOPLE IN WHOM PUMPKINS AND POTATOES CREATED A WORLD: EDUCATION, CULTURE AND ECOFORMATION IN AN INDIGENOUS COMMUNITY

Leandro Gomes da Silva 1

Maria José de Pinho 2

Marcilene de Assis Alves Araujo 3

Resumo: Este artigo, vinculado à Linha de Pesquisa Currículo, Formação de Professores e Saberes Docentes do PPGE da Universidade Federal do Tocantins (UFT), explora as contribuições do Hôxwa para a identidade indígena Krahô da Aldeia Manoel Alves Pequeno, localizada no município de Goiatins-TO. O estudo qualitativo utiliza revisão bibliográfica e práticas etnográficas, como observações participativas, conversas informais e entrevistas com o líder hôxwa, além de descrever a festa da batata “Jàt jô pĩ”, um dos principais eventos culturais da comunidade. Os resultados, à luz da ecoformação, mostram que o hôxwa tem um papel fundamental na preservação da identidade Krahô, especialmente quando contraposto à educação influenciada pelo racionalismo científico.

Palavras-chave: Educação. Pensamento Complexo. Ecoformação. Povo Krahô. Hôxwa.

Abstract: This article, linked to the Curriculum Research Line, Teacher Training and Teaching Knowledge of the PPGE of the Federal University of Tocantins (UFT), explores the contributions of Hôxwa to the indigenous identity Krahô of Aldeia Manoel Alves Pequeno, located in the municipality of Goiatins-TO. The qualitative study uses bibliographic review and ethnographic practices, such as participatory observations, informal conversations and interviews with the hôxwa leader, in addition to describing the potato party “Jàt jô pĩ”, one of the main cultural events of the community. The results, in the light of ecoformation, show that hôxwa has a fundamental role in preserving Krahô identity, especially when opposed to education influenced by scientific rationalism.

Keywords: Education. Complex Thinking. Ecoformation. Krahô People. Hôxwa.

- 1 Mestre em Educação (UFT). Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas RIEC-TO e do Observatório dos povos tradicionais do Tocantins – OPPTINS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5586716399948488>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4499-1382>. E-mail: leandrogomes.gpi@gmail.com
- 2 Pós-doutora e Doutora em Educação. É professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e do Programa EDUCANORTE/PGEDA, polo Palmas (UFT). Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7113857811427432>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2411-6580>. E-mail: mjpgon@mail.uft.edu.br
- 3 Pós-doutora em Linguística e Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). É professora titular III da Universidade de Gurupi – UnirG e líder do Observatório dos povos tradicionais do Tocantins – OPPTINS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355229587672526>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3648-3780>. E-mail: marcilenearaujo@unirg.edu.br

Introdução

Este artigo é parte integrante de dissertação apresentada como conclusão de curso no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Tocantins (UFT), vincula-se à Linha de Pesquisa Currículo, Formação de Professores e Saberes Docentes e tem como tema, “Hôxwa : Contribuições Ecoformadoras para Identidade Indígena Krahô da Aldeia Manoel Alves Pequeno” . Essa aldeia integra o território indígena kraholândia e tem a sua localização no município de Goiatins no Estado do Tocantins. O objetivo geral consiste em evidenciar as contribuições do hôxwa para a identidade indígena na Aldeia Manoel Alves Pequeno na perspectiva da ecoformação, visando responder a seguinte problemática: Como a atuação do (hôxwa) palhaço cerimonial contribui para a preservação da identidade da Aldeia Krahô da Aldeia Alves Pequeno e o que há de ecoformador nesse processo educativo cômico ritual?

As práticas etnográficas incluíram observações participativas, conversas informais e entrevistas com o hôxwa líder, o qual nos apresentou os demais membros da comunidade identificados como hôxwa, além de descrevermos os momentos de atuação do hôxwa na organização e realização da festa da batata (Jât jô pĩ), evento principal de intervenção cultural da comunidade Krahô.

Os resultados deste estudo, fundamentados na Ecoformação, destacam o hôxwa como um elemento vital para a preservação da identidade Krahô, especialmente em contextos educacionais distantes dos princípios do racionalismo científico. Esse componente cultural e educativo se revela por meio de rituais e práticas comunitárias que reforçam uma conexão harmoniosa e sustentável entre o ser humano e o meio ambiente. Ao valorizar essa sabedoria, reconhecemos a importância de proteger os territórios indígenas, não só por justiça, mas também como uma responsabilidade coletiva em preservar nossa ligação com a natureza e, por consequência, nossa própria humanidade.

As primeiras décadas do novo milênio parecem repetir ciclos de dor, fome e sofrimento, como se os cavaleiros do apocalipse percorressem o mundo espalhando morte. No entanto, ao observarmos mais de perto, percebemos que essa violência não surge apenas dos conflitos entre poderosos. Em lugares como África, Ásia e América Latina, povos historicamente oprimidos se levantam contra a modernidade ocidental. No Afeganistão, pastores enfrentam as forças da OTAN, enquanto na Terra Santa, agricultores resistem contra colonizadores europeus e estadunidenses.

Em nosso tempo, os conflitos do dia a dia não representam apenas a luta da modernidade ocidental contra o “atraso” dos povos tradicionais, como se esse passado que persistente fosse um obstáculo ao desenvolvimento econômico. O que vivemos não é simplesmente uma batalha pela civilização, mas uma batalha entre civilizações, onde diferentes visões de mundo se confrontam, cada uma tentando preservar sua identidade e modo de vida frente às pressões da globalização e da modernidade.

Hannah Arendt nos lembra que os deuses gregos nunca reivindicaram a criação do mundo (Arendt, 2016), pois eles próprios pretendiam a um tempo em que a natureza era maior que a humanidade. Diferente dos deuses e seres naturais, que eram imortais, os homens só alcançavam a imortalidade em espécie, devido à sua natureza mortal. Apenas quando realizavam feitos, gestos e palavras, eles quebravam extraordinárias, eles quebravam o ciclo inexorável da natureza e brilhavam como estrelas. E essas memórias preservadas eram o que os antigos gregos chamavam de História.

Essa reflexão sobre os deuses gregos e a natureza traz à tona uma importante distinção entre a eternidade dos seres divinos e naturais e a mortalidade humana. Ao colocar a natureza como algo superior, os antigos gregos nos mostram que a humanidade só atinge a imortalidade por meio de ações significativas que transcendem o tempo. Essa perspectiva ressalta a importância de nossos feitos e palavras na construção da História, onde o registro dessas ações imortaliza a humanidade e nos diferencia do ciclo natural da vida e da morte.

Esse conceito de história como uma forma de eternidade humana contrasta com a ideia moderna de progresso, que muitas vezes despreza o valor do passado em busca de um futuro indefinido. A preservação dessas memórias é, portanto, uma forma de resistir à aniquilação da identidade humana em meio à passagem inexorável do tempo.

Essa mudança na história do Ocidente, onde a alma imortal ganha primazia sobre a natureza passageira, moldou a visão judaico-cristã, colocando o homem no centro de todas as coisas. A

natureza, por sua vez, tornou-se objeto de exploração, submetida aos desejos humanos.

Contudo as lutas e resistências dos povos tradicionais oferecem outra perspectiva. Assim como os Massai e os beduínos, o povo krahô do cerrado brasileiro nos mostra uma visão em que os homens e os seres animados e inanimados, participam igualmente no “jogo da vida”, enfatizando a interdependência e respeito mútuo.

Partindo do princípio “conhecimento pertinente”¹ e da perspectiva “hologramática”,² a busca pelos significados da identidade Krahô através da figura performática do hõxwa na aldeia indígena Manoel Alves Pequeno, nos insere em um universo onde cada elemento reflete a essência ecoformadora. Nesse contexto, os seres humanos não são entendidos como criaturas únicas no mundo, mas ganham sentido quando no diálogo contínuo com a natureza, conforme a visão de São Francisco de Assis, que reconhecia a lua e o vento como irmãos e amigo.

Ao nos aprofundarmos na compreensão da identidade Krahô através do hõxwa, percebemos que esse elemento cultural não apenas reforça os laços comunitários, mas também revela uma profunda conexão entre o ser humano e a natureza. Essa inter-relação ecoformadora é fundamental para a manutenção de práticas sustentáveis e a preservação do meio ambiente, características intrínsecas à cosmovisão indígena.

Dessa forma, a identidade Krahô emerge como um exemplo de como os povos tradicionais mantêm um equilíbrio entre desenvolvimento cultural e respeito à natureza. Através de suas práticas e rituais, eles nos ensinam que a verdadeira sabedoria está na integração harmoniosa entre todos os seres e no reconhecimento de que a natureza não é um recurso a ser explorado, mas uma parceira na jornada da vida.

O mundo Ahprac

Nosso professor, guia pelos caminhos desse tempo, se chama I.A.K., o hõxwa. Ele nos conta que “o hõxwa surgiu por causa das ‘frutas.’” Que frutas? “Então, as fruteiras é...teve dentro da roça que nós faz, né?”. Ao contrário dos produtos industriais ultraprocessados, promovidos pelas grandes corporações internacionais como se fossem alimentos, os alimentos cultivados pelos Krahô possuem vida. Cada planta e cada fruto têm um valor intrínseco, que vai além da simples nutrição, pois carregam consigo a vitalidade da terra, o respeito ao ciclo natural e o profundo conhecimento ancestral. Esses alimentos não são apenas sustento; são parte de uma rede viva que conecta os seres humanos ao meio ambiente de forma sagrada e harmoniosa.

Figura 1. Hõxwa líder no cotidiano da Aldeia



Fonte: Acervo do autor (2023).

¹ Segundo princípio de (Morin, 2011) que constitui os “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”.

² A inter-relação entre ações humanas e ambientais demonstra como uma influencia a outra: as ações do homem afetam a natureza, assim como as mudanças no meio ambiente impactam tanto o ser humano quanto outras formas de vida.

O conceito de necessidade de terra para os povos tradicionais vai além de simples espaço físico; está profundamente ligado ao modo de vida, cultura e sustentabilidade desses grupos. Para os povos indígenas, a terra não é apenas um recurso, mas um componente essencial de sua identidade, espiritualidade e práticas tradicionais. Para I.A.K. “Aí deixa aldeia e muda para outra aldeia, para outro lugar, que a gente faz aquele barraquinho primeiro, depois eu volto para a tapera³ conhecer, se o tapera tá no normal ou não tá, né?”

No caso dos Krahô, e de muitos outros povos indígenas, o uso da terra é parte de um sistema sustentável que respeita os ciclos naturais. Quando uma área se esgota, em vez de recorrer a práticas prejudiciais ao meio ambiente, como o uso de agrotóxicos ou a agricultura intensiva, eles simplesmente movem suas atividades para novas áreas e permitem que a terra se recupere. Esse ciclo de uso e descanso é uma forma de garantir a regeneração dos recursos naturais e a manutenção da biodiversidade.

A compreensão do valor da terra para esses povos envolve reconhecer a complexidade de suas práticas e a relação profunda que têm com o meio ambiente. Não se trata apenas de uma questão de espaço, mas de um sistema cultural e ecológico que tem sido desenvolvido e adaptado ao longo de gerações.

I.A.K, que frutas vocês plantam? “Aí na roça que tem dentro, tem batata, tem abóbora, tem croá, até tem banana, tem essas coisas aí tudo aqui que a gente usa.” Eis que um dia eles tiveram uma surpresa. Então, dentro disso⁴ aí...Assim, quando suziu⁵ esse movimento por causa dos fruta, porque eles plantaro muito, uma roça muito grande e plantaro muito batata dentro”.

Então, o povo fez uma roça, plantou vários espécies e se foi. E as frutas ficaram, elas mesmas surpresas por não ter ninguém. “Aí parece que o batata, tava vendo que não tinha, parece que não tinha mais dono, né? Aí ele foi ver aonde é que tava esse dono. Suiu o chefe mermo do batata, diz que saiu e foi lá pra aldeia. Quando chegou lá pertinho, ele foi chegando, foi chegando. Ele não ouviu mais o movimento dentro da aldeia. Aí, ele foi devagar...” (I.A.K, 2023).

Incrível, “quando chegou lá dentro, disse que só, só mesmo tapera, não tinha mais rasta⁶, não tinha mais ninguém nas casas. E aí ele foi na rua. Igual como esse aqui, né? Aí batata, foi vendo as casas, tudo assim, caladinho e nada. Aí ele rodeou⁷ a casa, foi lá no centro e viu o centro olhando para as casas e tudo”.

Ele “Voltou... lá pra roça de novo. Lá, ele juntou os batata, os croá, essas coisas que tem dentro da roça. Se juntaram e fizeram essa união. Então, parece que o dono... alguém prantou nós [...] e nós não está mais lá na aldeia porque a aldeia tá tudo assim quase apagado, não tem nem mais gente” I.A.K, 2023.

Essa ideia das frutas tendo consciência e a necessidade de adaptação quando os seres humanos se mudam é uma maneira poética e profunda de entender a interdependência entre os seres humanos e a natureza. Se considerarmos isso à luz da autonomia de Paulo Freire, é uma forma de ilustrar como os povos tradicionais, e até mesmo a natureza, adaptam-se e encontram soluções para desafios impostos por mudanças. Mas se os seres humanos se mudam, o quê as frutas vão fazer? “E aí, diz que o chefe das fruta, falou assim...é então é o seguinte já que nós não tem mais donde que plantar nós... e que vais colher nós, parece não tá mais vendo e não sei pra onde é que eles foram, mas nós vamo fazer uma arrumação. Nós mermo vamos fazer uma arrumação”.

Freire enfatizava a importância da autonomia e da capacidade de um grupo de se adaptar e organizar-se de acordo com suas necessidades e contextos específicos. No caso das frutas e dos povos indígenas, essa autonomia se manifesta na capacidade de lidar com a mudança e de encontrar soluções dentro de seu próprio sistema de valores e práticas, garantindo a continuidade e a sustentabilidade de suas formas de vida.

Então tá bom, todo mundo concordou, as fruitera, todo mundo concordou...porque é junto, né, não é só numa roça só. Aí, eles concordaram. Então tá bom, pois vamo fazer isso. Aí, saíram

3 Faz alusão a povoação ou moradia abandonada, coberta de mato ou em ruínas (Priberam, 2023).

4 Disso.

5 Surgiu.

6 Vestígios ou marcas deixadas pela passagem de algo ou alguém (Priberam, 2023).

7 Em torno, em redor, dar a volta (Priberam, 2023).

da roça lá para aldeia. Fizeram logo esse, esse movimento.”
Reparem que tipo de chefia é esta? I.A.K, 2023.

A hipótese causal hidráulica de Karl Marx, que sugere que o surgimento do Estado está relacionado com a necessidade de coordenar grandes projetos de irrigação, oferece uma visão materialista sobre a formação das civilizações. Marx argumentava que a administração desses projetos exigia uma organização social mais complexa e, portanto, levou ao surgimento do Estado.

Clastres (2017), por outro lado, oferece uma perspectiva diferente ao focar na usurpação do poder. Em suas análises, Clastres observa que, entre os povos indígenas do Brasil, o Estado não é uma característica inerente das sociedades complexas, mas sim um fenômeno resultante de processos de concentração e controle de poder. Ele argumenta que muitas sociedades indígenas possuem formas de organização que evitam a centralização do poder e a formação de uma estrutura estatal rígida, e que a emergência do Estado é, muitas vezes, uma forma de dominação e controle, uma usurpação do poder por uma elite.

Essa visão de Clastres destaca uma perspectiva crítica sobre a formação do Estado e enfatiza a importância de compreender a diversidade das formas de organização social e política, especialmente ao observar as sociedades indígenas que frequentemente desafiam as narrativas tradicionais sobre a evolução do poder e da autoridade.

Em analogia com o “chefe das frutas” I.A.K, destaca uma diferença significativa na forma como o poder e a liderança são percebidos e exercidos. A ideia de que o chefe das frutas representa uma liderança baseada na sabedoria e no consenso, contrastando com figuras políticas ocidentais como George Bush ou Emmanuel Macron, sugere que a autoridade legítima em algumas culturas é construída através da colaboração e da compreensão mútua, em vez de imposição ou controle centralizado.

Essa visão reforça a ideia de que a liderança em muitas sociedades indígenas é mais horizontal e participativa, envolvendo a consulta e o consenso de todos os membros do grupo, em vez de se basear em estruturas hierárquicas rígidas e decisões unilaterais. Essa abordagem pode oferecer uma perspectiva valiosa sobre a gestão e a tomada de decisões em contextos mais amplos, subvertendo as noções tradicionais de liderança e autoridade.

Mas, eis que um dia aconteceu uma novidade.

“Mar logo, veio um rapaz. Da onde que eles mudaram e que fizeram a casa...Aí disse que veio um rapaz para ver o tapera. Aí, quando ele foi para lá, quando chegou lá, disse que já, já começou essa animação. Aí, ele foi e rudiou a casa e entrou dentro da casa e deitou lá em cima, no jirau⁸. Porque naquele tempo, naquele tempo passado, os novo fazia jirau assim, lá no travessa, pra dormir lá em cima, faz escadinha pra subir, deita lá em cima.”

O rapaz curioso e, de certo modo, corajoso “Aí ele subiu e deitou lá, assuntando e escutando essa música, né, de batata e do movimento danado. Aí o chefe mesmo do batata viu rasta quando terminou, aí... diz que o cara desceu do jirau, e ele ficou na porta olhando os povo brincar, né? Esse fruitera brincar” I.A.K, 2023.

Vejam, as frutas encontraram um outro sentido para sua existência. Na ausência dos seres humanos elas aprenderam a brincar em uma grande festa. Para surpresa do moço, ele foi visto, mas não ignorado. “Aí o chefe viu e veio. Aí, chamou pra ir. Agora nós vamos chegar lá porque você tá aí. Mas se não quiser sair pra fora pra conhecer esse movimento”. Recuperado, foi lá na aldeia contar as novidades. “Diz que saiu. Aí levou... e quando chegou lá na arrumação é que ele contou causo. Então é assim. Sabe porque nós fizemos essa arrumação aqui que é porque vocês não estão mais por aqui”.

8 Espécie de grade de varas, sobre esteios fixados no chão, que serve de cama nas casas e também de grelha para expor ao sol e também para guardar objetos (Priberam, 2023).

E como era a festa? “Então nós fizemos essa arrumação, paparuto, os croá fizeram um foguinho e foi amostrar no lugar tudo. Então é isso, isso, isso, e o abóbora é o palhaço”, ou seja, o hõxwa original.

“Batata também pegava batata e ia jogando assim...entregando a batata pra abóbora e a abóbora jogava no próprio batata, e fazendo aquela cantoria danada, animação. Então, nós fizemos essa arrumação que você vai ver e eu vou contar tudinho que é pra vocês enxergar onde vocês mudaram e contar tudo que nós fizemos aqui na aldeia, falaram assim”.

E continuou: “Vocês estão vendo? Disse que a abóbora estava toda pintada assim de tinta branca. Não sei o que... e que fazia nessa brincadeira. Aí o rapaz ficou olhando e escutando tudo. Cantiga, ele ensinou também pra ele que é pra ensinar lá pros outros lá tudo, mas que ele ficou olhando e assuntando... Só que o cara parece que era gravador mesmo, gravou tudo que o batata contou”.

Essa diferença entre sociedades ocidentais e sociedades de oralidade em relação à memória e ao pertencimento é realmente fascinante. Nas sociedades ocidentais, onde a escrita e as tecnologias associadas desempenham um papel crucial, a memória muitas vezes se torna um processo mais individualizado e mediado por dispositivos externos. A escrita permite o armazenamento e a transmissão de informações de forma mais duradoura e expansiva, mas pode também criar uma dependência de fontes externas para a lembrança e a compreensão.

Por outro lado, em sociedades de oralidade, a memória é uma prática socialmente integrada e coletiva. A transmissão oral de conhecimentos e histórias não apenas preserva a cultura e a identidade do grupo, mas também facilita a compreensão do papel de cada indivíduo dentro do contexto comunitário. A memória oral é dinâmica e flexível, sendo constantemente renovada e recontextualizada através das interações sociais e das práticas culturais. Isso ajuda a fortalecer o sentido de pertencimento e a garantir que todos compreendam e se adaptem às normas e papéis sociais do grupo. A memória nas sociedades de oralidade não é apenas um repositório de informações, mas um aspecto essencial da interação social e da identidade cultural.

Essa observação reflete uma crítica profunda ao modo como a educação e a sociedade ocidental moldam os indivíduos. Na visão das sociedades de oralidade, a educação e a socialização não são apenas sobre o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos isolados, mas sobre integrar cada pessoa em um todo coeso e significativo. O foco está na construção de uma identidade coletiva e na compreensão do papel de cada indivíduo dentro do grupo.

Em contraste, nas sociedades ocidentais modernas, o processo educativo muitas vezes enfatiza a individualidade e a autonomia pessoal, muitas vezes às custas da conexão com o coletivo. Isso pode levar a uma sensação de isolamento e a uma ênfase na acumulação de bens e informações, em vez de um engajamento mais profundo e significativo com a comunidade e com a própria identidade pessoal.

A reflexão aqui é que, ao promover a autonomia individual como um valor central, pode-se inadvertidamente criar um ambiente onde as pessoas são vistas mais como consumidores e acumuladores de coisas do que como membros integrados de uma comunidade com papéis e responsabilidades compartilhadas. Isso sugere uma necessidade de reavaliar como estruturamos nossas sociedades e sistemas educacionais para que possamos valorizar e promover tanto a individualidade quanto o pertencimento coletivo.

Quando as frutas foram embora da roça, tudo acabou e ninguém mais os viu. E o que fizeram? Aí o batata foi embora lá pra roça e lá mesmo acabou. “Aí com isso, o rapaz, voltou segurar onde que eles mudaram. Fizeram outras aldeias lá de novo, mas contou tudo causa que é por mode fazer. Então é isso, isso é batata, esse é banana, e esse, é abóbora, a abóbora é palhaço. E tem esse, esse movimento que eu vi lá, tudo... cantiga também. Aí eles me ensinaram também e pru mode de eu cantar também pra vocês, que é pra nós fazer isso. E sempre não acaba mais nunca.”

Hõxwa, a abóbora, é o homem-memória que não apenas relembra uma história, mas mantém os krahô articulado a um tempo em que homens e mulheres aprenderam com os frutos de sua criação, que por incrível que possa parecer, não apenas nasceram por si mesmas, mas se puseram ensinar os homens a cantar e a brincar, celebrando no ponto de encontro entre o inverno e o verão, a chuva e a estiagem.

somos a continuação de um fio que nasce muito tempo atrás, vindo de outros lugares, iniciado por outras pessoas, completado, remendado, costurado e continuado por nós. De uma forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia (Munduruku, 2009, p. 16).

Esse processo de consciência em preservar os saberes e fazeres ancestrais tem a sua religião com a conduta transdisciplinar e ecoformativa, uma vez que busca a integração de saberes e das múltiplas dimensões da realidade, conectando também os diversos tipos de vida presentes no universo.

O processo de preservação dos saberes e fazeres ancestrais pode estar intrinsicamente relacionado com a conduta transdisciplinar e ecoformativa, que busca uma abordagem holística e integrada do conhecimento e da realidade.

A transdisciplinaridade é uma abordagem que transcende as fronteiras das disciplinas tradicionais, promovendo a integração de diferentes áreas do conhecimento para abordar problemas complexos e interconectados. No contexto das sociedades que preservam saberes ancestrais, essa abordagem se manifesta na maneira como esses saberes são profundamente interligados com a natureza, a cultura e a espiritualidade, refletindo uma visão integrada da realidade.

A ecoformação, por sua vez, é um conceito que enfatiza a formação e a educação que levam em consideração as dimensões ecológicas e sustentáveis da vida. Ela promove a compreensão das interconexões entre os seres humanos e o ambiente natural, incentivando práticas que respeitam e preservam o equilíbrio ecológico.

Essas abordagens são particularmente relevantes para os saberes ancestrais, que frequentemente incorporam uma visão holística do mundo, reconhecendo a interdependência entre os seres humanos, a natureza e a cultura. A preservação e valorização desses saberes não só ajudam a manter tradições culturais importantes, mas também oferecem insights valiosos para a construção de um futuro mais sustentável e integrado.

Assim, a conduta transdisciplinar e ecoformativa ajuda a conectar e integrar os diversos tipos de vida e conhecimentos presentes no universo, promovendo respeito pelos saberes ancestrais e pelas práticas sustentáveis que eles representam.

A vida da comunidade, o lugar dos homens, seu processo civilizatório, diferente do Ocidente, não se faz de costas para a natureza em um longo processo de dessacralização do mundo. Ao contrário, a vida em comunidade é regida pelo ciclo da natureza, terrena e celeste. Afinal, não foi uma estrela feito menina que ensinou os primeiros krahô a cultivar?

Como se cultiva um hõxwa?

Se no princípio as abóboras cultivam a si mesmas, como os Krahô as reproduzem no tempo? Resposta de I.A.K: “E meu tia também era palhaço. Também, mode dele brincar. Depois da corrida da batata, negócio de 06h00 pra 07h00 lá no pátio e pinta tudo. Aí, com isso, nós estão fazendo esse movimento porque meu tio disse que brincava no palhaço também”.

Figura 2. Hôxwa líder com os demais hôxwas



Fonte: Acervo do autor (2023).

Essa descrição do papel das identidades e dos papéis familiares na continuidade das tradições é fascinante. E I.A.K respondeu: “É, é da família mesmo. É cuma hoje, eu sou palhaço e aquele que saiu agora que é neto meu, ele tá sendo palhaço porque foi eu que dei esse nome. Esse rapaz que é o caçula tá sendo como palhaço porque o tio dele é palhaço também. O que ele deu nome pra ele já é o palhaço também.” O que Ahprac está expressando é como os papéis e as funções dentro de uma comunidade ou família podem ser transmitidos de geração para geração, não apenas por meio de laços de sangue, mas também por meio de nomes, histórias e práticas culturais.

O conceito de que um indivíduo pode se tornar algo porque recebeu um nome ou uma designação específica, como “palhaço” no exemplo, ilustra a importância dos símbolos e dos significados culturais na formação da identidade e na perpetuação das tradições. Nessa visão, os papéis culturais e sociais não são apenas atribuídos, mas são moldados e reforçados por meio das relações familiares e da transmissão cultural.

Então tudo começa no nascimento, quando o hôxwa do futuro, se inicia no mundo, por meio da imposição do nome pelo mais velho. “Eu passo o nome. Mas a pessoa tem que se interessar a brincar quando ela vai crescendo. Agora não preciso nem excluir, porque já tem outros.”

E quando o hôxwa envelhece? “E quando eu ficar velho, vai despacha, despacha por novo, para aquele que já sabe brincar, se respeita os outros e cuidar daqui, também. Ai que passa pra ele e ele vai pegando igual como eu tô fazendo, né? Então é assim. Só quando ficar bem velho. Que não vai mais para lugar nenhum, pra longe. Aí, não estou quase aguentando mais.”

Esse processo de continuidade e renovação é fundamental para a preservação das tradições e para a construção da identidade cultural, pois conecta o passado com o presente e assegura que os conhecimentos e as práticas se mantenham vivos através das gerações. Ao reconhecer e valorizar esses laços e práticas, as comunidades podem manter suas tradições vivas e relevantes, adaptando-se às mudanças enquanto permanecem enraizadas em suas histórias e valores culturais.

E conclui: “Então o neto que eu passei o nome ele vai passando para os outros. Já dei meu nome e já tem o nome daquele que eu dei. Aí já vai despachando, ele vai ensinando tudo também para ele”.

O império do riso

Perguntamos, só tem homem? É, tudo é homem. Tem da mulher também. Mas só que a mulher não brinca. Hoje tá difícil. A finada R.K da família do D.P.K é que brincava mais. Então as mulheres podem ganhar também. Têm mulher palhaço também. Mas não brinca com tora de batata. Deve tem medo ou vergonha”.

É realmente encantador ver como a comunicação e a expressão cultural podem se manifestar de formas tão distintas. A esta altura já sabemos que a brincadeira começa depois da corrida de toras. Mas como acontece: “Na brincadeira depois do tora de batata, tem os cantor por mode

de brincar com nós. E nós se pinta de todo jeito. Preparamos a arrumação, as caretas. Nois na brincadeira não falamos com a boca, só usamos o corpo.” Que encanto, na sociedade da oralidade, distante da ocidental que peca pelo excesso de palavras, neste momento quem fala é o corpo...Na sociedade da oralidade, como descrito, a expressão e a comunicação muitas vezes vão além das palavras, utilizando o corpo, a pintura e a performance para transmitir significado e criar conexão.

A prática descrita, onde a comunicação se dá por meio do corpo e da expressão visual, é uma forma de expressão que reflete a riqueza da comunicação não-verbal. Em vez de depender do discurso verbal, essas práticas utilizam a linguagem do corpo e a estética visual para criar um ambiente de interação e significado profundo.

Esse contraste com a sociedade ocidental, que muitas vezes valoriza o discurso e o texto, destaca como diferentes culturas podem valorizar diferentes formas de comunicação e expressão. Em sociedades de oralidade, a capacidade de comunicar e conectar-se por meio do corpo, da performance e das tradições visuais pode ser uma forma profundamente significativa de manter e compartilhar a cultura, refletindo uma compreensão rica e multifacetada da experiência humana.

Assim, a brincadeira que se desenrola após a corrida de toras, com a pintura, as caretas e a expressão corporal, não é apenas uma diversão, mas também um meio de reforçar a identidade cultural e a coesão social, permitindo que o corpo fale de uma maneira que as palavras muitas vezes não conseguem capturar.

E os materiais para festa, de onde vem? “No dia da brincadeira a gente pinta de tinta branca e cada palhaço se enfeita de um jeito, né. A gente é mode abóbora e abóbora não tem nenhuma igual na roça. Nós pega o que tiver na natureza, folha, cabaça, já usei rama. Então tudo é desse mato. Toda arrumação a gente usa de um jeito. E a gente não escolhe de todo jeito. Tem que ser com respeito e cuidado.” Os adeptos das religiões de matriz africana, costumam dizer, sem folha não há orixá. Em ambas o processo civilizatório não se faz pelo domínio da natureza, inicialmente dada por algum deus único, mas pelo diálogo e cuidado com tudo que tem no mato, bosque ou floresta.

A sobrevivência de nossa espécie é impossível sem a natureza que nos alimenta, nos dá abrigo, tem seus remédios, sua cura. Quanto mais o homem se afasta da natureza, ele perde o conhecimento que está nela para se curar e isso é um erro. [...] É simples: basta reverenciar e aceitar a cura que a natureza nos dá todos os dias (Araújo, 2022, p. 98).

Este é um momento importante da festa. Que no caso da Aldeia de Manoel Alves Pequeno, inclui os membros da aldeia, mas, igualmente, jornalistas, turistas e pesquisadores universitários. “Tudo vem na hora da festa. Fora da brincadeira eu ajudo todo mundo da aldeia. Converso, oriento, brinco e falo umas coisas. Na festa é de outro jeito. Temos que ensinar os outros por mode aprender a respeitar tudo que existe e ajudar a natureza.”

Considerações finais

Manifestando o espírito de pertencimento, I.A.K ao expressar sobre o processo de saberes direcionado ao respeito à natureza, vai ao encontro a essência de Torre (2008, p. 35), quando reforça sobre o aprender “implica, a partir de um olhar transdisciplinar e ecoformador, valorizar, reconhecer, respeitar e outorgar confiança e credibilidade aos outros”.

Por meio do riso que envolve toda a gente, feito os populares carnavais da sisuda Europa medieval, ninguém escapa da graça do palhaço cerimonial, o homem - abóbora. Crianças, mulheres e demais homens, se encantam com as caretas e requebrados dos Hôxwas. Quando alguns pensam que acabou são tocados pela cantoria que um dia foi ensinada por uma batata.

Nos programas satíricos das televisões abertas, se produz riso, estereotipado aqueles que nada tem, o matuto, o pobre favelado, seus gestos e cultura. No mundo krahô, o riso une toda a gente, relembram que todos nós compomos com a natureza desde o início dos tempos. Os hôxwas nos ensina a rir com muito cuidado e respeito para preservar a cultura e a natureza que a cerca.

É fundamental transcender uma visão limitada e fragmentada, que se restringe ao âmbito

local, e estabelecer conexões com o contexto global, reconhecendo tanto o local quanto o global como elementos igualmente essenciais que compõem um todo interdependente. Desta maneira, podemos alcançar uma compreensão mais profunda das complexas interações entre o ser humano, o contexto social e o ambiente natural, priorizando o compromisso com o bem-estar coletivo (Zwierewicz, 2011).

Partindo dessa premissa, o indígena percebe-se como parte integrante da natureza, uma entre diversas espécies. Ao adotar essa essência, compreende que sua contribuição para a vasta teia da vida reside em fortalecê-la, garantindo que todos os seres vivos possam desfrutar das bênçãos que ela proporciona (Munduruku, 2017).

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 2016

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado**. São Paulo, UBU Editora, 2017.

DSEI/TO – **Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins**. 2022.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura indígena brasileira. Ilustrações de Maurício Negro. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos - roda de conversa com educadores. Lorena: UK'A Editorial, 2017.

PRIBERAM, online de português. **Dicio**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em 10 jul. 2023.

ZWIEREWICZ, M. Formação docente transdisciplinar na metodologia dos projetos criativos ecoformadores – PCE. In: TORRE, S. de L.; ZWIEREWICZ, M.; FURLANETTO, E. C. (Orgs.). **Formação docente e pesquisa transdisciplinar**: criar e inovar com outra consciência. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 141-158.

ZWIEREWICZ, Marlene (coord.). **Uma escola para o século XXI**: escolas criativas e resiliência na educação. Florianópolis: Insular, 2009.

Recebido em 26 de novembro de 2023

Aceito em 22 de dezembro de 2023